

Estudos de Mulher e de Género nos Estados Unidos da América.

Séculos XIX-XXI: Temáticas e Abordagens

Joseph Abraham Levi¹

*Institute for Portuguese and Lusophone World Studies Center for Public Policy
Rhode Island College*

Efectivamente, o feminismo não desapareceu, mas conheceu profundas transformações. Nestas transformações influíram tanto os enormes êxitos conseguidos — se considerarmos o que foi o passado e o que é o presente das mulheres — como a profunda consciência do que fica por fazer [...]¹.

Nos Estados Unidos da América os movimentos sociais e políticos dos anos sessenta e setenta do século XX — aquando o Feminismo Americano atingiu se não muitas, pelo menos algumas metas preestabelecidas e, obviamente, necessárias para alcançar a tão-desejada paridade de direitos cívico-sociais — foram seguidos por mais de duas décadas muito conservadoras guiadas por um regime reaccionário ímpar, nomeadamente, o “triumvirato republicano” das Eras Reagan-Bush/Bush (1981-1993; 2001-2009), se bem que não em simultâneo e não seguidamente².

Entre os factores externos e internos que contribuíram para tal reviravolta face à condição da mulher estado-unidense³ convém lembrar: **i.** “o triunfo de carismáticos líderes ultraconservadores”, religiosos ou seculares, quer católicos quer, e mormente, de adesão protestante (em especial modo baptistas e evangélicos), os assim chamados *tele-evangelizadores*; **ii.** “um certo esgotamento das ideologias [político-sociais] que surgiram no século XIX”, dado que a maioria das teorias propostas foi ou absorvida por outras ou — como geralmente era o caso, uma vez alcançado o seu alvo — deixou de ter o impulso motor dos primórdios; **iii.** o “derrube dos estados socialistas” do fim da década de oitenta e do início dos anos noventa do século XX, o qual deu ulterior munição às antigas, mas sempre latentes, teorias sobre a bênção divina em assuntos sagrados como a Pátria, a Família e a Religião⁴.

Em outras palavras o “Mal” do Comunismo, assim como este era e continua a ser entendido pela sociedade estado-unidense, foi derrotado pelas forças do “Bem”, este último a coincidir com as acções e as palavras dos líderes religiosos e políticos de uma Nação que sempre se opôs aos ideais socialistas/comunistas, “óbvia” fonte de todos os males.

Basta lembrar o Dia Internacional do Trabalhador, feriado originariamente nascido nos Estados Unidos (1 de Maio de 1886), todavia, aquando da sua adopção pelas nações comunistas e/ou socialistas — *prima inter pares* a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas — passou a ser celebrado na primeira segunda-feira de Setembro.

A mesma sorte tocou ao Dia Internacional da Mulher: de festividade a comemorar a

morte heróica de muitas mulheres pelos seus direitos laborais⁵ passou a ser considerado como um dia a celebrar os ideais femininos/feministas dos socialistas/comunistas “contrários aos valores americanos”. Daí o seu rápido desaparecimento dos calendários e das memórias, apesar de o dia ser celebrado em vários lugares e por varias pessoas (mulheres e homens) nos Estados Unidos para louvar o papel da mulher no Mundo, a prescindir dos ideais políticos do país no qual essas residirem.

O feminismo, portanto, era visto como um ramo destas “perigosas” ideologias de esquerda — a ameaçar a “estabilidade” da Pátria, da Família e da Religião —, em alguns casos ultrapassando-as para chegar até ao Anarquismo, derradeira escolha anti-americana e, portanto, “digna” de ser erradicada com todos os meios.

É importante ressaltar que — devido à sua famigerada e hilariante ignorância e absoluta falta de quaisquer noções básicas de história, geografia e religião, incluindo a doutrina da sua própria fé — o americano médio é facilmente impressionável e, consequentemente, muito conservador, que religiosa quer sociopoliticamente. Além disso, a sua “*forma mentis*”, apesar da confissão religiosa de cada indivíduo, sempre foi e sempre será calvinista”⁶. Resulta óbvio, então, que qualquer “desvio” da norma provoca nos americanos médios:

[...] uma reacção negativa, [ou melhor, epidérmica] empurrando-os, gradualmente, para formas intransigentes de religiosidade, misturando estúpida e inconscientemente patriotismo com religião (obviamente de tradição cristã) e o conceito, obviamente idealizado, de família. O famoso ditado sulista: “church, apple pie, and mama”, ou seja, “igreja, torta de maçã e a minha mãe”, exprime perfeitamente esta feliz mas cega aceitação de valores conservadores, fechando assim as portas para qualquer tipo de diálogo e, consequentemente, atrofiando as possibilidades para ulteriores crescimentos intelectuais e humanos⁷.

A presidência dos três últimos presidentes republicanos da jovem república estado-unidense — Ronald W. Reagan (1911-2004), George H. W. Bush (1924-) e George W. Bush (1946-) —, puseram assim fim a pouco mais de doze lustros de lutas e conquistas em muitos dos campos relativos ao avanço da condição de mulher nos Estados Unidos da América, sobretudo no sector político-social.

As primeiras duas décadas do século XX são de facto consideradas como o esplendor e o apogeu do movimento sufragista estado-unidense. Lucretia Coffin Mott (1793-1880), Elizabeth Cady Stanton (1815-1902) e Susan Brownell Anthony (1820-1906), entre outras, foram as primeiras mulheres norte-americanas, a maioria de adesão quacre⁸, que se empenharam para que todas as mulheres, assim como os homens e as mulheres de cor, na jovem república novi-mundista tivessem o direito ao voto e, com esse, à plena cidadania. De facto as mulheres estado-unidenses sempre compartilharam com as minorias étnicas, religiosas e, mormente, raciais “os efeitos de uma cidadania de segunda ou até de terceira classe”, daí as lutas para que elas:

[...] tivessem os mesmos direitos cívicos, sociais e políticos dos seus parceiros [brancos] no seio de uma sociedade patriarcal, misógina e não muito “sensível” às necessidades e aos direitos básicos das minorias étnico-rácio-religioso-sociais a viverem em terras do Tio Sam onde, desde a implantação das primeiras colónias anglo-americanas, a “norma” é ser de origem anglo-saxónica e protestante, sem falar do género, obviamente sendo o masculino o grupo taxinómico privilegiado⁹.

Apesar de o movimento sufragista — o qual também incluía membros abolicionistas inteiramente dedicados à erradicação do escravagismo em solo norte-americano — ter dado os seus primeiros passos em 1848, foi só depois da Guerra Civil Americana (1861-1865), nomeadamente em 1866, que homens e mulheres sufragistas começaram a manifestar o seu descontentamento face à condição de inferioridade das mulheres assim como do resto da população de cor. Contudo, mais de dez lustros deverão passar para as mulheres (de ascendência europeia) alcançarem o direito ao voto, assinaladamente, a 4 de Junho de 1919:

Depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), graças à participação de muitas mulheres no trabalho industrial e, obviamente, devido aos esforços de Susan B. Anthony e das suas colegas sufragistas, a XIX Emenda à Constituição foi finalmente promulgada (4 de Junho de 1919), garantindo o direito ao voto a todas as mulheres estado-unidenses. O governo federal assim como os demais estados dos estados da União tinham a obrigação de estender o direito ao voto às mulheres¹⁰.

Devido à presença de homens nos diferentes campos de batalha e à sua consequente ausência no seu habitual lugar de trabalho, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) pode ser considerada como o verdadeiro trampolim para as mulheres estado-unidenses avançarem no sector económico. Em outras palavras, milhões de mulheres começaram a trabalhar em fábricas, escritórios e bases militares, nos Estados Unidos assim como no resto dos países aliados. Estes trabalhos, antigamente destinados aos homens, e agora em mãos feminis, preenchiam aquele vácuo deixados por pais, esposos, irmãos, sobrinhos, netos, namorados e/ou vizinhos enviados a combater no estrangeiro¹¹. Em outras palavras:

With World War II as a catalyst, a dramatic change has occurred in women’s economic role, generating a series of “ripple effects” which ultimately have reached into such crucial areas as home life and child-rearing practices. No one can claim that equality has been achieved as a result of these changes, but it may be that a foundation for seeking equality has been established. [...] there is good reason to believe that the movement toward gender freedom for women will not come to a halt¹².

Contrariamente àquilo que se esperava ou até se temia, o fim deste segundo conflito bélico não pôs termo à posição “privilegiada” da mulher estado-unidense. Durante cinco lustros (1945-1970) as mulheres da Terra do Tio Sam conseguiram avançar na sociedade, ganhando, sempre gradualmente e depois das inevitáveis lutas e demonstrações públicas, a sua igualdade face à sua contrapartida masculina. Contudo, este avanço não foi completo, ou seja, não cobria todos os direitos cívico-sociais aos quais as mulheres, enquanto grupo económico, aspiravam e tinham direito a usufruir:

[...] The revival of feminism in recent years [1969 => 2006] has demonstrated that many women remain profoundly disturbed by the nature of relationships between the sexes. [...] the status of women has not changed at all in the fifty years since adoption of the suffrage amendment [1919 => 1969]¹³.

O “interregno” entre a década de oitenta e os últimos anos do século XX deve portanto ser considerado como um período de transição ou até de estagnação quanto a avanços na esfera dos direitos das mulheres e, sobretudo, do desenvolvimento das suas potencialidades como seres que contribuem ao bem-estar da Nação. Em outras palavras, apesar de agora ser:

[...] difícil, para não dizer impossível, congregar [...] manifestações semelhantes às que produziam em volta da defesa do aborto nos anos 70 [...] isto não implica um retrocesso na luta constante pelas reivindicações feministas¹⁴.

Das cinzas ou, melhor, dos rastros das grandes épocas de emancipação político-social da mulher norte-americana surgiram de facto novas tendências e, mormente, novas exigências e novos impulsos a ditar as futuras directivas do movimento feminista, e das mulheres em geral, no século XXI:

Embora parecesse chegar ao fim a era dos gestos grandiloquentes e das manifestações de massas que tanto tinham chamado a atenção dos meios de comunicação, muitas vezes deixavam atrás de si novas formas de organização política feminina, uma maior visibilidade das mulheres e dos seus problemas na esfera pública e animados debates entre as próprias feministas, assim como entre estas e interlocutores externos. Em outras palavras, a morte, pelo menos aparente, do feminismo como movimento social organizado não implicava nem o desaparecimento das feministas como agentes políticos, nem o do feminismo como um conjunto de práticas discursivas contestadas, mas sempre em desenvolvimento¹⁵.

O sector académico, mais do que qualquer outra esfera laboral, foi a plataforma que mulheres e outras “minorias” (étnicas, raciais, religiosas, assim como sócio-culturais) começaram a frequentar. Com o passar do tempo, porém, — graças às oportunidades que se lhes apresentavam — mulheres e grupos minoritários optaram por aí permanecer,

oferecendo o seu contributo, quer intelectual quer pedagógico ao mundo académico norte-americano (estado-unidense assim como canadiano). Em outras palavras nasce o Feminismo Institucional, seguido por uma miríade de novas disciplinas, todas atentas às novas exigências da sociedade norte-americana e, sobretudo, à crescente mudança étnico-racial, religiosa e sócio-cultural dos Estados Unidos e do Canadá:

Neste contexto institucional, também cabe destacar a proliferação nas universidades de centros de estudos feministas. Na década de 80, a teoria feminista [assim como os incipientes Estudos de Género, *Gays* e de Raça/Etnia] não só revelou uma vitalidade impressionante, como conseguiu dar à sua interpretação da realidade [norte-americana e mundial] um estatuto académico¹⁶.

Nos últimos trinta anos (1970-2000), assim como no primeiro lustro do século XXI, (2000 — Maio de 2006)¹⁷ os Estudos de Mulher, incluindo os de Género, *Gays/Lésbicos/Transgénero/Transsexuais, Chicanos*¹⁸, Hispânicos, Latinos, *Nativo-americanos* [Ameríndios] e de Raça têm de facto dado passos de gigantes com presenças quase onnipresentes em mais de 652 universidades norte-americanas¹⁹ (estado-unidenses assim como canadianas):

[...] universidades e instituições superiores onde se ensinam cursos oferecidos, ou quase exclusivamente dirigidos, à análise histórica do Feminismo e dos Estudos de Mulher em geral — da Literatura e da história/historiografia à antropologia e à religião, assim como aos Estudos de Género e de Raça —, quer a nível nacional ou pan-americano, do Canadá à Argentina, quer a nível internacional, ou seja, europeu, africano e asiático-oceânico²⁰.

Mais de sete lustros depois a primeira cátedra de Estudos de Mulher ter sido estabelecida na *San Diego State University*, no estado da Califórnia, na Primavera do ano lectivo de 1969-1970, assinaladamente a 21 de Maio de 1970, os Estudos de Mulher continuam a ocupar uma posição de liderança no campo académico norte-americano. De facto os Estudos de Mulher e de Género contam com o maior número de estudantes interessados em receber uma licenciatura em Estudos Interdisciplinares, ou seja, em complementar estas disciplinas com uma das demais oferecidas pelas suas universidades, como, por exemplo: Antropologia, Assistência Social, Estudos Africanos/Afro-Americanos, Estudos Judaicos, Estudos Latino-Americanos, Filosofia, História, Literatura Comparada, Literatura Inglesa/Norte Americana/Anglófona, Psicologia e Sociologia, para mencionar as combinações mais comuns ou até requisitadas.

Segundo as estatísticas mais recentes do Departamento de Educação dos Estados Unidos (2000), pouco mais de doze por cento dos estudantes universitários a nível de licenciatura tem de facto optado por seguir uma ou mais de uma cadeira no âmbito dos Estudos de Mulher e/ou de Género. Obviamente o número de mestrados e doutoramentos em Estudos de Mulher e/ou de Género ainda não pode ser considerado elevado, sobretudo se comparado com as

demais disciplinas das Humanidades, da Literatura Inglesa/Norte Americana/Anglófona à História, passando pela Antropologia e Psicologia. Do outro lado, porém, mais de quinze mil teses e dissertações sobre assuntos de Mulher e/ou de Género também dão uma indicação de que estas disciplinas fazem parte do mundo académico norte-americano e que um número sempre crescente de estudantes — mulheres assim como homens — irá fazer destas matérias a sua carreira, fora ou dentro do *campus* universitário. Em outras palavras, “women’s studies has become an integral part of higher education”²¹. Obviamente, como também frisou Jean Walton, estes sucessos “raise new questions, and new issues”²². Dada a transformação radical da componente étnica da população norte-americana durante os últimos cinquenta anos, o futuro de qualquer departamento ou cátedra de Estudos de Mulher e/ou de Género deverá concentrar-se em Estudos Interdisciplinares com particular ênfase na diversidade étnica, nomeadamente, os Estudos Africanos/Afro-Americanos, *Chicanos*, Hispânicos, Latino-Americanos, Latinos, *Nativo-americanos* [Ameríndios], assim como os Estudos Judaicos, de Etnia e de Raça.

Os Estudos de Mulher e de Género têm encontrado terreno fértil em campos como o *Women’s Studies in Cinema* (Estudos de Mulher no Cinema). De facto a assim chamada “perspectiva feminista” nos Estudos de Cinema tem inspirado a abertura positiva de um diálogo para a futura criação de uma tradição de crítica feminista de filmes, documentários e curtas-metragens produzidos nos Estados Unidos assim como nos demais países onde a Sétima Arte se estabeleceu.

Ultimamente os Estudos de Mulher e de Género nas universidades norte-americanas também têm abraçado a crítica feminista das representações teatrais, não só o teatro em si mas também a ópera, ambos antigos baluartes do patriarcado conservador e chauvinista mundial, *primus inter pares* o Ocidente, seguido pelas demais culturas do orbe terráqueo, da Ásia à África, passando pelas culturas indígenas das Américas e da Oceânia. Como podemos imaginar, então, a tarefa das mulheres, e das feministas em particular, a funcionar no âmbito de um padrão fiel às directivas dos Estudos de Mulher e de Género, foi e continua a ser muito árdua, dado que, desde sempre:

Theatre studies are conservative and slow to respond to new critical perspectives such as feminism because theatre is essentially — almost by definition — a public, social and hence a male-dominated art. It has been run by and for men throughout most of its history and has, for the most part, reflected current political and social realities, deferring to the taste of the political majority²³.

Conscientes desta plurissecular tradição conservadora críticos e historiadores teatrais tiveram muitas dificuldades em aceitar as novas teorias feministas e de género dos últimos vinte e cinco anos. Por exemplo, só recentemente é que a crítica teatral tem revisitado, entenda-se, reanalisado em chave “moderna” e sobretudo igualitária, antigas, e por isso consideradas clássicas, representações teatrais. Não podemos esquecer que o Patriarcado é uma característica endémica, mundial. Desde os alvares da civilização humana os homens

— da Europa à Ásia Extrema, do Magrebe à Austrália, do Alasca à Terra del Fuego — têm tentado dominar a esfera feminil, do corpo ao cérebro. Quanto às representações teatrais e, subsequentemente, à crítica literária, os homens “have colonized theatre criticism and theatre history”. Dado que o mundo do teatro, em si, sempre foi “a male public world. It is not surprising, then, that the scholarship associated with this art also tends to maintain a definite male bias”. Todavia, apesar dos progressos da crítica feminista neste campo, sobretudo a partir da década de 80 do século XX, “many roads are yet unexplored”²⁴.

Obviamente o cinema e a televisão, quando comparados ao teatro, são artes novas, ou melhor, são filhas do século XX. Talvez pelo mesmo facto de serem artes novas, comumente denominadas *Film and Media Studies* (Estudos de Cinema e Média), os Estudos de Cinema, sempre no âmbito universitário, podem ser considerados como as forças motores para os Estudos Feministas, de Mulher e de Gênero especializados na crítica cinematográfica. Enquanto disciplina nova, e por isso isenta de uma bagagem cultural milenária como, por exemplo, a do teatro, os Estudos de Cinema têm a tendência para ser mais “abertos” em aceitar novas perspectivas e novos desafios na sua busca de diferentes valores e parâmetros críticos²⁵.

O mesmo poderá ser dito quanto à Televisão e, ultimamente, sobretudo a partir do *fin du siècle* XX, à Internet. O primeiro meio de comunicação, por exemplo, foi divisado para ser visto num ambiente familiar ou pelo menos onde o meio doméstico dita os parâmetros de referência. Como resposta às críticas feministas, de mulher, de gênero e/ou de estudos étnico-raciais, a novela doméstica — onde mulheres e outras minorias, incluindo as de religião, aparecem como fazedoras da sua própria história — dos pequenos ecrãs tem oferecido alternativas positivas às velhas imagens estereotipadas da mulher e das demais minorias étnicas, raciais, religiosas e/ou de gênero, superando assim aquilo que vem produzido no teatro e no palco operístico.

Quanto à questão da mulher entendida como “minority”, a controvérsia é antiga, com mais de sete lustros de história. Nos Estados Unidos, no Canadá e, se bem que em medida menor, na Austrália e na Nova Zelândia — onde a diversidade étnico-racial também é uma das componentes na formação da identidade histórico-social do país —, as mulheres, por razões de quotas e de equidade civil, são equiparadas à categoria de “minority” étnico-racial, não no sentido estrito da palavra, mas sim pela oportunidade que estas, a paridade de qualificações, deveriam ter face ao homem de ascendência europeia.

Em outras palavras, sempre se possuem as mesmas classificações dos seus colegas caucásicos²⁶, as mulheres e qualquer pessoa que alegue ascendência étnico-racial não europeia, deveriam ser escolhidas ou até preferidas ao homem “branco”. Obviamente, esta equiparação à classe “minoritária”, protegida pelas leis federais assim como estatuais, coloca as mulheres numa situação única, às vezes não muito cómoda ou até rejeitada:

From one point of view, females [...] [are] a minority group. They have been “singled out for differential or unequal treatment ... because of their physical and cultural characteristics,” and they have been excluded from “full participation in

society” on the basis of their sex. On the other hand, females cannot be studied in the same way as blacks or chicanos, because, despite their common traits, they do not cluster in residential groups and they have a variety of racial, religious, and economic affiliations which tend to divide rather than unite them²⁷.

De um lado, então, esta exclusão milenária, agora (quase) restaurada, da Sociedade dá às mulheres o direito de ser tratadas favoravelmente. O mesmo aplica-se às demais minorias étnicas, raciais, religiosas e, ultimamente, sociais, entre estas últimas os *gays*, as lésbicas, os transgéneros e os transsexuais. A árdua tarefa das primeiras “revoluções” e “manifestações” dos anos 60 — as quais contribuíram ao consequente nascimento de departamentos e/ou de cátedras de Estudos Africanos/Afro-americanos e de Estudos de Mulher, assim como de Estudos *Gays* e Lésbicos, Transsexuais e de Transgénero — sustentou a transformação total das universidades norte-americanas do século XXI. Apesar dos ataques conservadores das Eras Reagan-Bush/Bush, dominadas pelos ideais reaccionários, onde o modelo proposto é o homem heterossexual caucásico, os Estudos de Mulher e de Género, entre os demais nascidos nas décadas de 70 e 80 do século XX, são aqueles que mais êxitos tiveram em assegurar uma voz e uma presença na sociedade norte-americana, do *campus* universitário à esfera política, passando pelo sector privado. Não é de estranhar, então, a oposição do Patriarcado, neste caso o Tio Sam:

The ongoing right-wing attacks against this subject matter, motivated by racism, sexism, homophobia, and the desire to maintain whit, male intellectual and political hegemony in a country that will soon have a majority population of people of color, indicates how effective our work has been²⁸.

Muitas mulheres compreenderam que era e é necessário promover o liame entre os Estudos de Mulher, de um lado, e os Estudos de Etnia, Raça e Género, do outro, sobretudo porque etnia, raça, género e classe socioeconómica fazem parte integrante deste *continuum* que em suma constitui os Estudos de Mulher nos Estados Unidos e no Canadá. Dos primeiros e incertos passos empreendidos nas últimas três décadas do século XX, focalizados no avanço da causa das mulheres, os Estudos de Mulher têm de facto expandido a sua visão, de um lado influenciando e mudando antigas metodologias de estudos, do outro criando novas oportunidades para o nascer de novas disciplinas:

For on hundreds of campuses in the 1970s and on hundreds more in the next two decades, intrepid women—students, faculty, administrators, members of the community—collaborated in a movement called women’s studies. This movement has altered the curriculum and the style of teaching and produced research that has shifted the paradigms and changed the content of most disciplines²⁹.

Agora mais do que nunca na história dos Estados Unidos, em vista da alteração do mapa étnico-racial/social estado-unidense, é preciso que os departamentos e as cátedras de Estudos de Mulher e de Género procurem parceiros igualmente interessados no avanço socioeconómico e intelectual das assim chamadas “minorias”, em breve a maioria numérica, para de facto melhorar a sua condição no seio da sociedade. Mais uma vez, o sector académico parece ser a escolha adequada:

As we move into the next millennium, we need to look back and celebrate the achievements of the past thirty years, and look to a future with a new generation of feminist scholars and teachers who will lift our understanding of women's studies and ethnic studies to even greater heights³⁰.

Notas

⁴ As citações contidas nas três subdivisões provêm de: Ana de Miguel Álvarez. *O feminismo ontem e hoje*. Trad. Ana Barradas. Lisboa: Ela por Ela, 2002. 57.

⁵ “No dia 8 de Março de 1857, teve lugar aquela que terá sido, em todo o mundo, uma das primeiras acções organizadas por trabalhadores do sexo feminino. Centenas de mulheres das fábricas de vestuário e têxteis de Nova Iorque iniciaram uma marcha de protesto contra os baixos salários, o período de 12 horas diárias e as más condições de trabalho. A manifestação foi violentamente dispersada pela polícia. O dia 8 de Março é, desde 1975, comemorado pelas Nações Unidas como Dia Internacional da Mulher”. Efemérides. “Dia Internacional da Mulher”. <<http://www.pgr.pt/portugues/grupo_soltas/efemerides/mulher/indice.htm>> [última actualização: 8 de Março de 2002].

⁶ Joseph Abraham Levi. “Judaísmo e Cinema: Imagem e Mensagem em conflito”, in *A Sétima Arte no Sétimo Céu*. Eds. Susana Bastos Mateus e Paulo Mendes Pinto. Lisboa: Edições Firmamento, 2005. 26-29. 29.

⁷ Joseph Abraham Levi. “Judaísmo e Cinema: Imagem e Mensagem em conflito”, in *A Sétima Arte no Sétimo Céu*. Eds. Susana Bastos Mateus e Paulo Mendes Pinto. Lisboa: Edições Firmamento, 2005. 26-29. 29.

⁸ Também nota como *Society of Friends* (Sociedade dos Amigos), o ramo protestante quacre foi fundado na Inglaterra durante a metade do século XVI por Jorge Fox (1624-1691). Devido às muitas perseguições que sofreram por causa da sua rejeição de qualquer autoridade religiosa e dogma estabelecido pelos homens, muitos quacres emigraram para as novas colónias anglo-americanas. Em 1681 o quacre inglês William Penn (1644-1718), noto defensor da liberdade de consciência, apoiado por outros onze quacres, anunciou o *Holy Experiment* (O Experimento Santo), ou seja, consagrou uma vasta área à margem ocidental do Rio Delaware, a futura Filadélfia, para ser uma cidade quacre, onde iam reinar amor, paz e liberdade. Esta presença maciça de quacres num só território fez de maneira que a doutrina quacre se tornasse num dos ramos protestantes do Novo Mundo anglo-americano, se não completamente aceite mas pelo menos reconhecido como “alternativa” válida ao Catolicismo, o grande inimigo de todos os Protestantes aquém e além do Atlântico. Graças às suas ideias pacifistas e abolicionistas os Quacres foram entre os primeiros estado-unidenses a exigir reformas sociais e económicas, entre as quais ressaltam o Direito das Mulheres e a abolição da escravatura, mesmo se, em princípio, alguns discordassem quanto à segunda causa. Além disso, e apesar do grande liberalismo dos Quacres, só os homens que professavam a sua fé em Jesus podiam votar e exercer funções públicas no seio da comunidade quacre.

⁹ Joseph Abraham Levi. “Jewish Women's Archive — O Arquivo das Mulheres Judias. Onde a História Vive e Cresce.” *Boletim, NEHM (Núcleo de Estudos de História da Mulher)*, 4 1 (Março/Setembro 2005): 19.

¹⁰ Joseph Abraham Levi. “Da Igualdade à Paridade: Os Estudos sobre as Mulheres nos Estados Unidos”, in *Falar de Mulheres. Da Igualdade à Paridade*. Ed. Zília Osório de Castro. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. 85-98. 89.

¹¹ Sobre a entrada de mulheres na força laboral entre o *fin du siècle* e o segundo período bélico, veja-se, entre outros: Penina Migdal Glazer e Miriam Slater. *Unequal Colleagues. The Entrance of Women into the Professions, 1890-1940*. New Brunswick: Rutgers UP, 1987.

¹² William H. Chafe *The American Woman. Her Changing Social, Economic, and Political Roles, 1920-1970*. Londres: OUP, 1972. 254.

¹³ William H. Chafe *The American Woman. Her Changing Social, Economic, and Political Roles, 1920-1970*. Londres: OUP, 1972. vii-viii. Veja-se também: Kate Millett. *Sexual Politics*. Garden City, NY: Doubleday, 1970. 26; 62.

¹⁴ Ana de Miguel Álvarez. *O feminismo ontem e hoje*. Trad. Ana Barradas. Lisboa: Ela por Ela, 2002. 59.

¹⁵ E. Ergas. “El sujeto mujer: el feminismo de los años sesenta ochenta”, in *Historia de las mujeres en Occidente*. Eds. Françoise Thébaud, Mary Nash, Georges Duby e Michelle Perrot. 2ª ed. 5 vols. Madrid: Taurus, 2001. 5: 560, citado in Ana de Miguel Álvarez. *O feminismo ontem e hoje*. Trad. Ana Barradas. Lisboa: Ela por Ela, 2002. 57-58.

¹⁶ Ana de Miguel Álvarez. *O feminismo ontem e hoje*. Trad. Ana Barradas. Lisboa: Ela por Ela, 2002. 60.

¹⁷ Estatísticas da MLA (*Modern Language Association of America*) <www.mla.org>. Agradecemos à MLA por nos ter oferecido os recentes dados relativos ao número actual de departamentos e/ou de cátedras de Estudos de Mulher em universidades estado-unidenses e canadianas.

¹⁸ *Chicano*, com a contrapartida feminina/feminista *Chicana*, abrange exclusivamente os estado-unidenses, cidadãos ou residentes legais, de origem mexicana. Latino/a e Hispânico/a, ao invés, designam qualquer pessoa cuja origem remonte a um país de língua e cultura espanholas do Novo Mundo, excluindo, assim a Espanha, as Filipinas e a Guiné Equatorial, dado que para os naturais ou os descendentes destes três países é a raça que determina a sua origem e, mormente, a sua identificação racial ou étnica. Quanto às Filipinas, para o Governo Federal, assim como para as demais organizações a nível particular ou estatual, existe uma categoria racial definida “Filipino” unicamente dedicada aos naturais ou descendentes de Filipinos. Disto podemos reparar que para o Governo Federal, logicamente seguido pelos estados da União estado-unidense assim como por qualquer companhia particular, é importante distinguir uma pessoa de ascendência mista espanhola-nativa, seja esta última etnia/raça originária das Américas de língua e cultura espanholas ou das Filipinas.

¹⁹ O *Artemis Guides to Women's Studies* para o ano de 2006, ao invés, enumera 395 cátedras de Estudos de Mulher nos Estados Unidos. <<www.artemisguide.com>>.

²⁰ Joseph Abraham Levi. “Da Igualdade à Paridade: Os Estudos sobre as Mulheres nos Estados Unidos”, in *Falar de Mulheres. Da Igualdade à Paridade*. Ed. Zília Osório de Castro. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. 85-98. 90.

²¹ Mari Jo Buhle. “Introduction”, in *The Politics of Women's Studies. Testimony from Thirty Founding Mothers*. Florence Howe, ed. Nova Iorque: Feminist P, 2000. xv-xxvi. xv.

²² Jean Walton. “The Evolution of a Consortial Women's Studies Program”, in *The Politics of Women's Studies. Testimony from Thirty Founding Mothers*. Florence Howe, ed. Nova Iorque: Feminist P, 2000. 40-54. 54.

²³ Nancy S. Reinhardt. “New Directions for Feminist Criticism in Theatre and the Related Arts”, in *A Feminist Perspective in the Academy: The Difference it Makes*. Eds. Elizabeth Langland e Walter Gove. Chicago: U of Chicago P, 1983. 25-51. 27.

²⁴ Nancy S. Reinhardt. “New Directions for Feminist Criticism in Theatre and the Related Arts”, in *A Feminist Perspective in the Academy: The Difference it Makes*. Eds. Elizabeth Langland e Walter Gove. Chicago: U of Chicago P, 1983. 25-51. 48.

²⁵ Quanto às revistas — universitárias e não — que exploram os Média e os Estudos de Cinema, convém lembrar: *Women's Studies International Quarterly*, o *Journal of Popular Culture* e o *Women and Literature*. Entre as edições publicadas na década de 70, e que continuam a ter um certo peso, enumeramos: *Women in Media: A Documentary Source Book*. Eds. Maurine Beasley e Sheila Gibbons. Washington, D.C.: Women's Institute for Freedom of the Press, 1977 e *Hearth and Home: Images of Women in the Mass Media*. Eds. Gaye Tuchman, Arlene Kaplan Daniels e James Benét. Nova Iorque: OUP, 1978.

²⁶ Caucásico, caucásio ou caucasiano: um dos ramos da raça branca. Contudo, sobretudo depois da II Guerra Mundial, nos Estados Unidos da América e no Canadá tal palavra passou a referir-se a qualquer membro da raça branca, ou seja, uma das três principais divisões da humanidade a viver na Europa, na Ásia ocidental e na África do norte (Magrebe e Egipto), assim como os seus descendentes no Novo Mundo. Não entram nesta categoria as pessoas de raça africana, ameríndia, asiática e oceânica. Os hispânicos e os filipinos foram categorias étnicas a parte. Em zonas onde a imigração cabo-verdiana é mais concentrada, como no caso da Nova Inglaterra, é muito comum, se bem que não obrigatório, encontrar uma subdivisão étnica/racial para os cabo-verdianos e seus descendentes. Em Nova Iorque, ao invés, onde a presença italo-americana é histórica, económica e politicamente muito antiga e poderosa, também é muito comum encontrar a subdivisão étnica, sempre no âmbito da raça caucásica, de italo-americana.

²⁷ William H. Chafe *The American Woman. Her Changing Social, Economic, and Political Roles, 1920-1970*. Londres: OUP, 1972. ix.

²⁸ Barbara Smith. “Building Black Women's Studies”, in *The Politics of Women's Studies. Testimony from Thirty Founding Mothers*. Florence Howe, ed. Nova Iorque: Feminist P, 2000. 194-203. 202-203.

²⁹ Florence Howe, ed. *The Politics of Women's Studies. Testimony from Thirty Founding Mothers*. Nova Iorque: Feminist P, 2000. xi.

³⁰ Yolanda T. Moses. “Linking Ethnic Studies to Women's Studies”, in *The Politics of Women's Studies. Testimony from Thirty Founding Mothers*. Florence Howe, ed. Nova Iorque: Feminist P, 2000. 317-324. 324.

Bibliografia

- Aladama, Arturo J. e Naomi Helena Quiñonez. *Decolonial Voices: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century*. Bloomington: Indiana UP, 2002.
- Amico, Stephen. “‘I Want Muscles’: House Music, Homosexuality, and Masculine Signification”. *Popular Music* 20.3 (October, 2001): 359-378.
- Angrist, Shirley S. e Elizabeth M. Almquist. *Careers and Contingencies: How College Women Juggle with Gender*. Nova Iorque: Dunellen, 1975.
- Artemis Guide to Women's Studies in the U.S. <<www.artemisguide.com>>.
- Arredondo, Gabriela F. *Chicana Feminisms: A Critical Reader*. Durham: Duke UP, 2003.
- Ayres, Ian. *Pervasive Prejudice?: Unconventional Evidence of Race and Gender Discrimination*. Chicago: U of Chicago P, 2001.
- Ballinger, Franchot. “Coyote, He/She was Going There: Sex and Gender in Native American Trickster Stories”. *Studies in American Indian Literatures* 12.4 (Winter, 2000): 15-43.
- Beasley, Maurine e Sheila Gibbons, eds. *Women in Media: A Documentary Source Book*. Washington, D.C.: Women's Institute for Freedom of the Press, 1977.
- Beasley, Vanessa B. *You, the People: American National Identity in Presidential Rhetoric*. College Station: Texas A&M UP, 2004.
- Bernal, Martha E. e George P. Knight. *Ethnic Identity: Formation and Transmission among Hispanics and other Minorities*. Albany: State U of New York P, 1993.
- Boddy, William. “The Amateur, the Housewife, and the Salesroom Floor: Promoting Postwar U.S. Television”. *International Journal of Cultural Studies* 1.1 (Abril, 1998): 129-142.
- Bookman, Ann e Sandra Morgen, eds. *Women and the Politics of Empowerment*. Filadélfia: Temple UP, 1988.
- Brown, Karen McCarthy. “Telling a Life through Haitian Vodou: An Essay Concerning Race, Gender, Memory, and Historical Consciousness”, in *Religion and Cultural Studies*. Ed. Susan L. Mizruchi. Princeton: PUP, 2001. 22-37.
- Butler, Johnella E. e John C. Walter. *Transforming the Curriculum: Ethnic Studies and Women's Studies*. Albany: State U of New York P, 1991.
- Byrne, Dara N. e Juan Williams. *Brown v. Board of Education: Its Impact on Public Education, 1954-2004*. Brooklyn: Word For Word, 2005.
- Carter, Sarah. “Transnational Perspectives on the History of Great Plains Women: Gender, Race, Nations, and the Forty-Ninth Parallel”. *American Review of Canadian Studies* 33.4 (Winter, 2003): 565-596.
- Castañeda, Antonia, ed. “Gender on the Borderlands”. *Frontiers: A Journal of Women Studies* 24.2-3 (2003): xi-xix; 1-306.
- Chafe, William H. *The American Woman. Her Changing Social, Economic, and Political Roles, 1920-1970*. Londres: OUP, 1972.
- Chamberlain, Mariam K., ed. *Women in Academe: Progress and Problems*. Nova Iorque: Russell Sage Foundation, 1988.
- Chambers, Veronica. *Having it All?: Black Women and Success*. Nova Iorque: Doubleday, 2003.
- Chesney-Lind, Meda e Lisa Pasko. *The Female Offender: Girls, Women, and Crime*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004.
- Comer, Krista. “Literature, Gender Studies, and the New Western History”. *Arizona Quarterly* 53.2 (Summer, 1997): 99-134.
- Crites, Laura L. e Winifred L. Hepperle. *Women, the Courts, and Equality*. Newbury Park: Sage, 1987.
- Dearborn, Mary V. *Pocahontas's Daughters: Gender and Ethnicity in American Culture*. Nova Iorque: OUP, 1986.
- De Lauretis, Teresa, ed. *Feminist Studies. Critical Studies*. Bloomington: Indiana UP, 1986.
- Diaz, Karen R. *Reference Sources on the Internet: Off the Shelf and onto the Web*. Nova Iorque: Haworth P, 1997.
- Dines, Gail e Jean McMahon Humez. *Gender, Race, and Class in Media: A Text-Reader*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.
- DuBois, Ellen Carol e Vicki Ruiz. *Unequal Sisters: A Multicultural Reader in U.S. Women's History*. Nova Iorque: Routledge, 1990.
- D'Souza, Dinesh. *Illiberal Education: The Politics of Race and Sex on Campus*. Nova Iorque: Free P, 1991.
- Duffett, Mark. “Caught in a Trap? Beyond Pop Theory's ‘Butch’ Construction of Male Elvis Fans”. *Popular Music* 20.3 (October, 2001): 395-408.
- Edwards, Janis L. e Huey-rong Chen. “The First Lady/First Wife in Editorial Cartoons: Rhetorical Visions through Gendered Lenses”. *Women's Studies in Communication* 23.3 (Fall, 2000): 367-391.
- Efemerides. “Dia Internacional da Mulher”. <<http://www.pgr.pt/portugues/grupo_soltas/efemerides/mulher/indice.htm>> [última atualização: 8 de Março de 2002]

- Farnham, Christie. *The Impact of Feminist Research in the Academy*. Bloomington: Indiana UP, 1987.
- Fennema, Elizabeth e Jane M. Ayer. *Women and Education: Equity or Equality?* Berkeley: McCutchan, 1984.
- Ferree, Myra Marx, Judith Lorber e Beth B. Hess, eds. *Revisioning Gender*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1999.
- Foner, Nancy e Ruben G. Rumbaut. *Immigration Research for a New Century: Multidisciplinary Perspectives*. Nova Iorque: Russell Sage Foundation, 2000.
- Fraiberg, Allison. "Quilts, Soaps, Shopping, and the South: The Risk of Recuperation Projects in Contemporary Women Studies". *College Literature* 22.3 (Outubro, 1995): 142-151.
- Friedan, Betty. *The Second Stage*. Nova Iorque: Summit Books, 1981.
- _____. *It Changed my Life. Writings on the Women's Movement*. Nova Iorque: Random House, 1976.
- _____. *The Feminine Mystique*. Nova Iorque: Norton, 1963.
- Friedan, Betty e Brigid O'Farrell. *Beyond Gender. The New Politics of Work and Family*. Washington, DC: Woodrow Wilson Center P, 1997.
- Friedman, Lester D. *Unspeakable Images: Ethnicity and the American Cinema*. Urbana: U of Illinois P, 1991.
- Gibson, Katie Lorayne. "The United States Supreme Court and Women's Rights in the 20th Century: An Examination of the Court's Rhetorical Treatment of Women and Gender." Diss. Pennsylvania State U, 2004.
- Gibson, Margaret A. e John U. Ogbu. *Minority Status and Schooling: A Comparative Study of Immigrant and Involuntary Minorities*. Nova Iorque: Garland, 1991.
- Glazer, Penina Migdal e Miriam Slater. *Unequal Colleagues. The Entrance of Women into the Professions, 1890-1940*. New Brunswick: Rutgers UP, 1987.
- González, Deena J. "Gender on the Borderlands: Re-Textualizing the Classics". *Frontiers: A Journal of Women Studies* 24.2-3 (2003): 15-29.
- Gordon, Avery e Christopher Newfield. *Mapping Multiculturalism*. Minneapolis: U of Minnesota P, 2000.
- Gordon, Lynn D. *Gender and Higher Education in the Progressive Era*. New Haven: Yale UP, 1990.
- Hawkins, Darnell Felix, ed. *Violent Crime. Assessing Race and Ethnic Differences*. Cambridge: CUP, 2003.
- Hesford, Wendy S. "'Ye Are Witnesses': Pedagogy and the Politics of Identity", in *Feminism and Composition Studies: In Other Words*. Ed. Susan C. Jarratt. Nova Iorque: Modern Language Association of America, 1998.
- Hoffman, Lois Normaa Wladis. e Lise M. Youngblade. *Mothers at Work: Effects on Children's Well-Being*. Cambridge: CUP, 1999.
- Hoffman, Nancy. *Women's "True" Profession: Voices from the History of Teaching*. 1981. Cambridge: Harvard Education P, 2003.
- Howe, Florence, ed. *The Politics of Women's Studies. Testimony from Thirty Founding Mothers*. Nova Iorque: Feminist P, 2000.
- _____. *Seven Years Later: Women's Studies Program in 1976: a report of the National Advisory Council on Women's Educational Program*. [Washington]: National Advisory Council on Women's Educational Programs, 1977.
- Irwin, Robert McKee. "An Approach to Gender and Sexuality Studies in the Undergraduate Classroom", in *Cultural Studies in the Curriculum: Teaching Latin America*. Danny J. Anderson e Jill S. Kuhnheim, eds. Nova Iorque: Modern Language Association of America, 2003. 185-200.
- Kerber, Linda K., Alice Kessler-Harris e Kathryn Kish Sklar, eds. *U.S. History as Women's History. New Feminist Essays*. Chapel Hill: U of North Carolina P, 1995.
- Kramarae, Cheris e Dale Spender. *The Knowledge Explosion: Generations of Feminist Scholarship*. Nova Iorque: Teachers College P, 1992.
- Langland, Elizabeth e Walter R. Gove. *A Feminist Perspective in the Academy: The Difference it Makes*. Chicago: U of Chicago P, 1981.
- Levi, Joseph Abraham. "Jewish Women's Archive — O Arquivo das Mulheres Judias. Onde a História Vive e Cresce." *Boletim, NEHM (Núcleo de Estudos de História da Mulher)*, 4 1 (Março/Setembro 2005): 19.
- _____. "Judaísmo e Cinema: Imagem e Mensagem em conflito", in *A Sétima Arte no Sétimo Céu*. Eds. Susana Bastos Mateus e Paulo Mendes Pinto. Lisboa: Edições Firmamento, 2005. 26-29.
- _____. "Preface", in *Quixotic Madness and Marranism: A Study of Charlotte Lennox and Arabella, the Female Quixote*. Norman Simms. Nova Iorque: Edwin Mellen P, 2004. v-xi.
- _____. "Na Internet em 2004: Estudos de Mulher nos E.U.A." *Boletim, NEHM (Núcleo de Estudos de História da Mulher)*, 3 4 (Março/Setembro 2004): 16-17.
- _____. "A mulher sefardita das diásporas ibéricas: ponte entre culturas." *Faces de Eva* 9 (2003): 35-58.
- _____. "Da Igualdade à Paridade: Os Estudos sobre as Mulheres nos Estados Unidos", in *Falar de Mulheres. Da Igualdade à Paridade*. Ed. Zília Osório de Castro. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. 85-98.
- _____. "Estudos de Mulher nos E.U.A." *Boletim, NEHM (Núcleo de Estudos de História da Mulher)*, 1.1 (Março/Setembro 2002): 14.
- Logan, Shirley Wilson. "'When and Where I Enter': Race, Gender, and Composition Studies", in *Feminism and*

- Composition Studies: In Other Words*. Ed. Susan C. Jarratt. Nova Iorque: Modern Language Association of America, 1998.
- Lunardini, Christine. *Women's Rights*. Phoenix: Oryx P, 1996.
- Maher, Frances A. e Janie Victoria Ward. *Gender and Teaching*. Mahwah, NJ: L. Erlbaum, Mahwah, NJ: L. Erlbaum Associates, 2001.
- Marable, Manning, ed. *Dispatches from the Ebony Tower. Intellectuals Confront the African American Experience*. Nova Iorque: Columbia UP, 2000.
- McKenzie, Shelly. "Selfhood, Gender, and Religion". *American Studies International* 39.1 (February, 2001): 130-138.
- Messer-Davidow, Ellen. *Disciplining Feminism: From Social Activism to Academic Discourse*. Durham, NC: Duke UP, 2002.
- Miguel Álvarez, Ana de. *O feminismo ontem e hoje*. Trad. Ana Barradas. Lisboa: Ela por Ela, 2002.
- Millett, Kate. *Going to Iran*. Nova Iorque: Coward, McCann & Geoghegan, 1982.
- _____. *Sita*. Nova Iorque: Farrar, Straus, and Giroux, 1977.
- _____. *The Prostitution Papers. A Candid Dialogue*. Nova Iorque: Avon Books, 1973.
- _____. *Flying*. Nova Iorque: Knopf, 1974.
- _____. *Sexual Politics*. Garden City, NY: Doubleday, 1970.
- Moraga, Cherrie. "From a Long Line of Vendidas: Chicanas and Feminism", in *Feminist Studies. Critical Studies*. Ed. Teresa De Laurentis. Bloomington: Indiana UP, 1986. 173-191.
- Moramarco, Fred S. e William J. Sullivan. *Containing Multitudes: Poetry in the United States Since 1950*. Nova Iorque: Twayne, 1998.
- Murray, Sue e Connie Shortes. "New Masculinities". *Velvet Light Trap* 38 (1996):
- Nash, Mary. *As Mulheres no Mundo. História, desafios e movimentos*. Trad. Liliana Roma Pereira. Vila Nova de Gaia: Editora Ausência, 2005.
- Nelson, Robert L. e William P. Bridges. *Legalizing Gender Inequality: Courts, Markets, and Unequal Pay for Women in America*. Nova Iorque: Cambridge UP, 1999.
- O'Mara, Kathleen. "Historicising Outsiders on Campus: The Re/Production of Lesbian and Gay Insiders". *Journal of Gender Studies* 6.1 (Março, 1997): 17-31.
- Orban, Maria e Alan Velie. "Religion and Gender in the Last Report on the Miracles at Little No Horse." *European Review of Native American Studies* 17.2 (2003): 27-34.
- Rafael, Vicente L. "Mimetic Subjects: Engendering Race at the Edge of Empire". *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies* 7.1 (Summer, 1995): 127-149.
- Reinhardt, Nancy S. "New Directions for Feminist Criticism in Theatre and the Related Arts", in *A Feminist Perspective in the Academy: The Difference it Makes*. Eds. Elizabeth Langland e Walter Gove. Chicago: U of Chicago P, 1983. 25-51.
- Rowbotham, Sheila. *Hidden from History. 300 Years of Women's Oppression and the Fight Against It*. Londres: Pluto P, 1973.
- Roediger, David R. *Colored White: Transcending the Racial Past*. Berkeley: U of California P, 2002.
- Roth, Nancy L. e Linda K. Fuller. *Women and AIDS: Negotiating Safer Practices, Care, and Representation*. Binghamton: Harrington Park P, 1998.
- Roscoe, Will. "Gender Diversity in Native North America: Notes Toward a Unified Analysis", in *A Queer World: The Center for Lesbian and Gay Studies Reader*. Ed. Martin Duberman. Nova Iorque: New York UP, 1997.
- Rosenthal, Cindy Simon. *Women Transforming Congress*. Norman: U of Oklahoma P, 2002.
- Rousso, Harilyn e Michael L. Wehmeyer. *Double Jeopardy: Addressing Gender Equity in Special Education*. Albany: State U of New York P, 2001.
- Ruiz, Vicki L. "Shaping Public Space/Enunciating Gender: A Multiracial Historiography of the Women's West, 1995-2000". *Frontiers: A Journal of Women Studies* 24.1 (2003): 1-18.
- Sánchez, Marta Esther. *Contemporary Chicana Poetry: A Critical Approach to an Emerging Literature*. Berkeley: U of California P, 1985.
- Schoem, David Louis. *Multicultural Teaching in the University*. Westport, CT: Praeger, 1993.
- Shokeid, Moshe. "'The Women are Coming': The Transformation of Gender Relationships in a Gay Synagogue". *Ethnos* 66.1 (2001): 5-26.
- Sloop, John M. *Disciplining Gender: Rhetorics of Sex Identity in Contemporary U.S. Culture*. Amherst, MA: U of Massachusetts P, 2004.
- Smith, Barbara. *The Truth that Never Hurts. Writings on Race, Gender, and Freedom*. New Brunswick: Rutgers UP, 1998.
- Smith-Rosenberg, Carroll. "Writing History: Language, Class, and Gender", in *Feminist Studies. Critical Studies*. Ed. Teresa De Laurentis. Bloomington: Indiana UP, 1986. 31-54.

- Thébaud, Françoise, Mary Nash, Georges Duby e Michelle Perrot, eds. *Historia de las mujeres en Occidente*. 2ª ed. 5 vols. Madrid: Taurus, 2001.
- Trujillo, Nick. "In Search of Naunty's History: Reproducing Gender Ideology in Family Stories". *Women's Studies in Communication* 25.1 (Spring, 2002): 88-118.
- Tuchman, Gaye, Arlene Kaplan Daniels e James Benét, eds. *Hearth and Home: Images of Women in the Mass Media*. Nova Iorque: OUP, 1978.
- Wald, Gayle. "One of the Boys? Whiteness, Gender, and Popular Music Studies", in *Whiteness: A Critical Reader*. Ed. Mike Hill. Nova Iorque: New York UP, 1997.
- Weiler, Jeanne Dyrsdale. *Codes and Contradictions: Race, Gender Identity, and Schooling*. Albany: State U of New York P, 2000.
- Weiler, Kathleen. *Women Teaching for Change: Gender, Class & Power*. South Hadley, MA: Bergin & Garvey, 1988.
- Weis, Lois. *Class, Race, and Gender in American Education*. Albany: State U of New York P, 1988.
- The World Factbook. "United States". <<<http://www.odci.gov/cia/publications/factbook/print/us/html>>>. [última atualização: 29 de Junho de 2006]
- Wright, Mary C. "The Woman's Lodge: Constructing Gender on the Nineteenth-Century Pacific Northwest Plateau". *Frontiers: A Journal of Women Studies* 24.1 (2003): 1-18.